

Vota Contra a Direita Contra a JSD Pelo Socialismo!

Muitos colegas interrogam-se hoje com grande justeza: que é feito dos independentes do ano passado? Onde estão os elementos da Direcção Geral cessante? Porque razão não integram nenhuma das listas progressistas, que concorrem às eleições para a A.A.C.? Que fizeram? E, do mesmo modo, põem a questão aguda de como agir no acto eleitoral face ao aparecimento, pela primeira vez na Academia de Coimbra, de uma lista partidária de direita.

Responder, do nosso ponto de vista, a todas essas interrogações legítimas é a razão de ser desta tomada de posição pública.

Os chamados independentes de esquerda surgem do desencanto de amplos sectores de estudantes em relação às organizações políticas existentes. A prática sectária, a visão grupuscular, as discussões teóricas afastadas da realidade, dos problemas sentidos pelos estudantes, as batalhas campais que imperavam nas reuniões colectivas, o sobrepor do interesse pessoal - ou de grupo, ao interesse do conjunto dos estudantes, isto é, a incapacidade das organizações políticas tradicionais em fornecerem aos estudantes uma alternativa de luta, desacreditou-as aos seus olhos.

Foi possível então, surgirem, nesse terreno propício, largas camadas de estudantes, que aspiravam a algo de novo, a uma saída positiva e que foram pouco a pouco tomando força e expressão. A sua característica principal era a independência partidária, o que significava o não sectarismo e o não controleirismo.

Desse sector estudantil que preenchia já um espaço político real, criado pela actuação nefasta dos grupos políticos, destacaram-se, pelo seu trabalho, elementos determinados quer nas Escolas, nos cursos e nos anos na resolução dos problemas pedagógicos, quer nas Comissões de Luta, "em defesa de Fausto Cruz" e da Academia pela Gestão Democrática. Não se distinguindo e tendo raízes profundas no sentir do conjunto dos estudantes, não defendendo interesses pessoais nem organizativos, esses activistas estudantis, chamemos-lhes assim, estavam disponíveis a assumir sem hesitação nem tibiezas a defesa das conquistas e direitos adquiridos dos estudantes e, como ele, todos quantos se reviam na honestidade política da sua actuação, em contraste flagrante com os métodos de actuação dos partidos, que trabalhavam no Movimento Estudantil.

E... a lista dos independentes, o "grupo de amigos", como muitos lhe chamaram, ganhou as eleições para a AAC e tornou-se o polo referenciador e de agrupamento de todo esse sector disperso e fluido. Estava criada a possibilidade dos estudantes passarem de "objectivos cobiçados e representados" por este ou aquele grupo, a "sujeitos activos". Uma finalidade: defender com todos os estudantes os interesses comuns. Um método: apoiar-se directamente no querer da Academia expresso em assembleias de massas e democráticas.

As organizações políticas, que a si próprio se afastaram do conjunto da Academia foram, de facto, cilindradas.

Havia um espaço político disponível, mas urgia preenchê-lo com um projecto político mínimo, que permitisse uma certa coesão, um início de estruturação de todos esse vasto sector de independentes, sem cair nos mesmos

erros das organizações tradicionais ou na formação de mais grupos de amigos.

Tentativas se esboçaram, mas tal não foi possível, infelizmente. Todos te mos presente as dificuldades desgastantes e o trabalho ciclópico na própria A.A.C., que a Direcção Geral cessante teve de fazer frente. O desfecho des favorável, para os estudantes, da luta encetada contra as "pedras do passad o", contra a reintegração dos professores comprometidos com o regime o dioso do fascismo, teve uma repercussão profunda e desorientou largas cam adas de estudantes. Esta derrota parcial motivou, quanto a nós, o esparti lhar do sector independente. O projecto da "VIA LATINA", que pretendia ser o elo de união de todos os estudantes independentes e o iniciar de uma prã tica política colectiva minimamente organizada, já não "remou contra a mã ré, mas sim "contra uma encurrada" avassaladora.

O fim do mandato apresenta-nos uma constatação e uma certeza, que re sumem a situação actual e ajudam a compreender o que se escreve seguida mente:

A Direcção Geral não construiu com o sector independente um projec to político mínimo que permitisse uni-lo e quebrar-lhe a fluidez - os in dependentes de esquerda foram incapazes de dar esse salto qualitativo, de "atravessar o Rubicão".

É necessário um mínimo de organização e estruturação nos cursos e anos, um trabalho de discussão, reflexão e crítica que possibilite o enri quecimento pessoal e colectivo susceptível de desembocar numa certa coesão política.

Listas Únicas e Unitárias de Esquerda

A Solução para o Esmagamento da Direita

"Muita água correu ..." quer dizer na situação política nacional, quer no Movimento Estudantil.

O momento que atravessamos de defesa dos direitos adquiridos, a reor ganização da direita a todos os níveis da sociedade portuguesa, a formação de um governo PS/CDS que, tudo leva a crer, "Veio para ficar", para além de caracterizar uma situação política, no Movimento Estudantil, bastante dife rença da do início do ano transecto, polariza as forças sociais e possibi lita um novo tipo de comportamento entre, mesmo, as organizações políticas que, é um facto, vão começar "a surgir à tona d'água", a assumir um papel de relevo (bom ou mau!?) no Movimento Estudantil.

É tremendamente palpável um sentimento generalizado, uma ânsia de uni dade entre todos os sectores progressistas em torno da defesa dos seus di reitos e conquistas, de que são muito ciosos, e da resolução dos seus pro blemas imediatos, aqueles que afectam mais directamente enquanto grupo so cial. O conjunto dos estudantes procura, quer e acredita, o que é fundamen tal, na necessidade e possibilidade de uma unidade sã que os defenda, a to dos, contra a direita e contra os ataques descentralizados pelos Conselhos Directivos, Conselhos Científicos, etc., que visam os seus interesses ime diatos (avaliação de conhecimentos, selecção, ritmos de estudo, matérias e métodos de ensino...).

Os estudantes procuram o muito que os une em detrimento da "areia" que os separa. A Academia luta pelo seu "denominador comum". "Denominador comum" esse que em momentos de situação objectiva e de consciência política colectiva como os que atravessamos, em que a frente comum se alarga

não só se torna mais fácil de encontrar, como possibilita uma unidade sã, com princípios políticos claros. É este "terreno" que as organizações políticas e os activistas estudantis terão primeiro de "reconhecer" e, em seguida, nele actuar.

A prática que correctamente se depreendia da "torrente unitária" que se defende existir no seio dos estudantes era, sem margens para dúvidas a constituição de uma lista única e unitária de esquerda contra a direita qualitativamente diferente e com uma dinâmica própria, onde estariam representados todos os sectores de opinião da Academia, com larga predominância do sector independente. Assim, poderiam as forças vivas e progressistas levantar uma muralha intransponível à direita, não só eleitoralmente, mas em todos os campos da vida escolar, construindo uma verdadeira prática democrática de unidade, ao procurar resolver os graves problemas pedagógicos que afectam as Escolas (porque não serão os Conselhos Científicos ou o MEIC que o farão).

O trabalho dos activistas estudantis era "mergulhar nessa torrente unitária", sem tibiezas. O sector dos independentes de esquerda ainda reconhecido por significativas camadas estudantis, jogava um papel fundamental, senão decisivo, no ultrapassar, no sentido da unidade sã, a tradicional inércia e sectarismo das organizações políticas.

Assim foi, tomou a iniciativa (com base nos elementos da D. Geral cessante) e, sentados a uma mesma mesa, todos os sectores de opinião da Academia, foram sucessivamente chegando a acordos parciais. Primeiro, a base política programática discutida foi aprovada, de seguida assentou-se no "busilis" da questão, que era a representação proporcional dos diferentes sectores de opinião, com larga margem de independentes.

A notícia transbordou as paredes da sala de reuniões e, com uma bomba atingiu fulgurantemente os estudantes (muitos incrédulos). A unidade estava concretizada. Afinal, era mesmo possível! A direita perdia espaço de manobra, poderia mesmo ser esmagada na primeira volta.

Inexplicavelmente, a pretexto de um comunicado da UJCR de conhecimento público anterior ao acordo firmado, o sector de opinião representado pela UEC rompe a unidade, já agarrada pelos estudantes, preferindo apresentar uma lista partidária (ao contrário do que legitimamente se poderia inferir do documento, "Plataforma para uma acção unitária no Movimento Estudantil", aprovado na sua 1.^a Assembleia do Ensino Superior de Coimbra). Acedendo com um comunicado que todos os presentes, antes do acordo, unanimemente haviam repudiado por incorrecto politicamente e por dar aos estudantes a imagem errada de uma aliança inter-partidária, a UEC assumiu a responsabilidade de tornar inviável a "unidade mais ampla". Comprometia-se assim, a característica fundamental duma lista, o poder sensibilizar todos os sectores progressistas da Academia, sem excepção.

Perante este facto consumado, pensaram ainda esses activistas estudantis poder consubstanciar nova lista, qualitativamente diferente que pela análise que faziam, não se apoiava nos sectores radicalizados como a UJCR, mas, sem os marginalizar, pela inclusão de elementos da sua confiança iria abranger um vasto sector, com possíveis elementos ligados ou afectos à JS.

Assim, esta lista poderia, talvez, superar o risco de se transformar numa aliança entre partidos e grupos e alcançar os sectores de estudantes que se viram numa lista de unidade. Isto é, sensibilizar o conjunto dos estudantes progressistas.

Surpreendentemente, quando todos os elementos que lutaram por esta nova lista, estavam de acordo quanto à sua composição nominal e a dos sectores de opinião que a iriam integrar, a UESD, de formação recente, vem na prática apresentar as mesmas exigências de exclusão da corrente de opinião representada pela UJCR, que a UEC havia formulado anteriormente, acabando por romper a 2.^a hipótese de lista ampla e diferente.

A saída da UESD, pelo sector socialista que de certo modo se identifica minimamente com esta organização, não veio tornar a unidade mais difícil, mas sim impossível.

A Lista que restasse apareceria, inevitavelmente com um resíduo incapaz de atingir os amplos sectores progressistas da Academia.

Desse modo, estava excluída qualquer hipótese de participação coerente e frutuosa para o sector desses activistas estudantis numa das listas restantes.

Desejamos deixar bem claro que as organizações políticas, que impedirem a concretização da lista Única e unitária de Esquerda, que coartaram pelo peso desse acto, a si próprias a possibilidade de um trabalho de Unidade são nas Escalas, para onde apontava essa lista tipo novo, assumirão perante os estudantes essa responsabilidade, como foi claramente dito na reunião conjunta. A responsabilidade de fornecer triunfos à direita nas eleições e nas Escolas.

QUE FAZER PARA QUEM TENTOU TUDO POR TUDO?

É na "torrente unitária", no terreno dos estudantes, que o sector independente se sente bem e sabe actuar, é aí que tem de trabalhar. A preocupação é o conjunto dos estudantes progressistas, a nossa defesa na A.A.C. nos Cursos e nos Anos contra a direita.

Assim, não podemos ficar indiferentes às eleições para a Associação dos Estudantes de Coimbra, quando a direita concorre por intermédio da JSD e apesar de nenhuma das listas materializar a opção por que tanto lutámos.

Uma opção é clara: contra a direita, pela Escola tipo-novo! É necessário tomar uma posição inequívoca contra a direita. A JSD não beneficiará nem de uma sequer abstenção para a maioria absoluta da 1.ª volta (50% mais um).

Vota Contra a Direita, pelo Socialismo !

Vota numa Lista de Esquerda (B ou D) ou Branco, mas Vota, não te Abstenhas !

Que nem um só Voto Progressista se Perca !

Na 2ª Volta Vota na Esquerda !

Elementos da D. Geral Cessante; Das listas unitárias de Direito e Economia, e lista B de Ciências.

São Ventura
Luís Pinheiro
Ventura
Armando
João Pedro
Gomes da Silva
Rosendo
Cabrita
Money
Zé Neves

Ana
Victor Cunha
Milheiro
Miranda
Mário Rui
Ferraz
Edite
M. Lains
Mité
Padilha

Alegre
Gustavo
Susana
Carlos Teixeira
Xico
Martins
Guardado
CHUMBITA

CRISTINA